

ARTIGO

DA SAÚDE À RESISTÊNCIA:

MOVIMENTOS SOCIAIS E CONSCIENTIZAÇÃO POLÍTICA EM
NOVA IGUAÇU (1970-1980)¹

ADRIANA BASTOS KRONEMBERGER

Doutora em História Social – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3595-7411>

RESUMO: Este estudo investigou os movimentos sociais em Nova Iguaçu, enfatizando a atuação de médicos e de Dom Adriano Hypólito, explorando a interseção entre saúde pública e mobilização social, destacando a medicina como instrumento de resistência política e alívio das dificuldades da população. Utilizando a história oral, o estudo pode contribuir para a história social e a história da medicina.

PALAVRAS-CHAVE: História oral. Movimentos sociais. Resistência. Saúde pública.

¹ Este artigo é parte da Tese de Doutorado da autora defendida na PUC/SP em 2023.

FROM HEALTH TO RESISTANCE: SOCIAL MOVEMENTS AND POLITICAL AWARENESS IN NOVA IGUAÇU (1970-1980)

ABSTRACT: This study investigated social movements in Nova Iguaçu, emphasizing the actions of doctors and Dom Adriano Hypólito, exploring the intersection between public health and social mobilization, highlighting medicine as a tool of political resistance and relief for the population's hardships. Utilizing oral history the study can contribute to social history, medicine history.

KEYWORDS: Oral history. Social movements. Resistance. Public health.

DOI: <https://doi.org/10.23925/2176-2767.2025v84p545-573>

Recebido em: 05/12/2024

Aprovado em: 19/04/2025



Introdução

A escolha do tema se deu em virtude da relevância dos movimentos sociais em regiões periféricas do Brasil, especialmente Nova Iguaçu, onde questões de saúde, moradia e saneamento básico foram e são até os dias atuais problemas fundamentais. A análise deste trabalho centrou-se na atuação de médicos que, ao lado de Dom Adriano Hypólito, bispo da cidade, desempenharam um importante papel nas lutas sociais e na defesa dos direitos humanos.

A justificativa para este trabalho reside na importância de compreender como as práticas médicas, junto com movimentos populares, contribuíram para aliviar o sofrimento físico e psicológico de uma população carente, além de enfrentar as estruturas. Entendendo a estrutura de acordo com a concepção marxista discutida por Löwy (2015), que é compreendida como o conjunto das relações de produção econômica de uma sociedade, servindo como a base real sobre a qual se ergue uma superestrutura jurídica e política.²

Este estudo pode ser relevante para os campos da história social, da medicina e dos movimentos sociais, pois indica a relação entre saúde pública e mobilização política e, ao documentar essa relação, contribui para a compreensão das dinâmicas sociais em períodos de repressão. O problema da pesquisa foi investigar de que forma as práticas médicas e os movimentos sociais em Nova Iguaçu, nas décadas de 1970 e 1980, se entrelaçam na busca por direitos fundamentais, em meio à repressão da ditadura civil-militar? A pesquisa analisou como determinados médicos e médicas se engajaram nas lutas sociais, articulando a assistência à saúde com a conscientização política em comunidades em situação de vulnerabilidade, fortalecendo assim processos de resistência popular.

O objetivo do trabalho consistiu em investigar a relação entre as práticas de saúde e as lutas sociais em Nova Iguaçu, incluindo a análise do papel de médicos e agentes comunitários de saúde nas mobilizações populares, o estudo das contribuições da Igreja Católica para a organização

² LÖWY, M. et al. **100 palavras do Marxismo**. São Paulo: Cortez Editora, 2015.

social e a compreensão da interação entre os movimentos de base e as demandas de saúde pública. Para atingir tal objetivo a metodologia utilizada foi a história oral, adotando os referenciais de Portelli (1993, 1996) e Bosi (1994) para explorar as narrativas individuais dos entrevistados. A pesquisa baseou-se em entrevistas gravadas, realizadas por meio da plataforma Zoom devido às restrições impostas pela pandemia de coronavírus e contou com a aprovação do Comitê de Ética da PUC/SP. A análise das entrevistas permitiu a construção de uma narrativa que articulou as experiências cotidianas dos sujeitos com os contextos históricos, respeitando as subjetividades envolvidas e destacando a importância da memória coletiva na investigação histórica. Os entrevistados foram identificados pelo nome real, após terem recebido todas as informações pertinentes ao estudo e assinado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), conforme exigido pelo Conselho de Ética da PUC/SP. Os detalhes dos entrevistados estão listados na tabela a seguir:

Nome d(x) entrevistad(x)	Data de nascimento	Ofício	Data da entrevista	Tamanho do Arquivo da entrevista via Zoom
Ana Alice Teixeira Pereira Bevílaqua	20/01/1950	Médica	16/12/2020	805,3MB
José Noronha	24/08/1946	Médico	25/01/2021	340,1 MB
Lucia Souto	28/12/1949	Médica	12/12/2020	335,9 MB
Nelson Nahon	21/05/1949	Médico	19/01/2021	697,1 MB

Esta abordagem reitera a singularidade do conhecimento histórico, promovendo uma análise crítica que confronta as perspectivas dos atores históricos com as circunstâncias que eles poderiam desconhecer. Na metodologia adotada também foram fundamentais os estudos de Portelli (1993, 1996) e Bosi (1994). Utilizando as contribuições teóricas desses autores, explorou-se as dimensões pessoais, as experiências cotidianas e as trajetórias individuais dos sujeitos envolvidos nas lutas sociais em Nova Iguaçu nas décadas de 1970 e 1980. A pesquisa buscou, dessa forma, uma compreensão

abrangente dos entrevistados, considerando tanto seu engajamento nas lutas sociais quanto suas vivências pessoais.

Vale destacar que Portelli (1996, p. 2) abordou o desafio fundamental da história oral, na qual as fontes são indivíduos, isso implica que os pesquisadores dependem da disposição e colaboração dos entrevistados para compartilharem suas vivências pessoais e relatos. Enquanto participantes ativos, eles não apresentam fatos objetivos e imparciais, mas compartilham suas perspectivas subjetivas, memórias pessoais e interpretações dos eventos vividos, contribuindo para a construção de significados nas narrativas de suas próprias vidas. Portanto, é fundamental reconhecer a complexidade e a subjetividade envolvidas na produção e interpretação das histórias orais, bem como a responsabilidade ética de respeitar as vozes, experiências e perspectivas dos entrevistados.

No contexto histórico das décadas de 1970 e 1980, os movimentos sociais em Nova Iguaçu, cidade situada na Baixada Fluminense, estavam intimamente ligados à luta por direitos fundamentais que eram frequentemente negados à população local, como moradia, educação, saneamento básico, emprego e saúde. Este trabalho teve como foco a atuação de médicos engajados politicamente, com o objetivo de analisar suas percepções sobre o envolvimento em movimentos sociais em Nova Iguaçu, especialmente na convivência e nas ações desenvolvidas em parceria com Dom Adriano Hypólito, à época bispo local

Dom Adriano, nascido Fernando Polito no ano de 1918 em Sergipe, tornou-se franciscano em 1937 e foi ordenado sacerdote em 1942 em Salvador, Bahia. Chegou a Nova Iguaçu em 1966, onde permaneceu até 1994, falecendo em 1996. Seguindo os princípios da Teologia da Libertação,³ ele desenvolveu uma pastoral focada nos mais pobres e se envolveu ativamente em diversos movimentos sociais. Nacionalmente conhecida, sua figura ganhou destaque após ser sequestrado e torturado em 1976, episódio que ele descreveu em detalhes em 1978:

³ Movimento católico que surgiu com as transformações sugeridas no Concílio Vaticano II (1962 - 1965), mas ganhou força na América Latina após a Conferência Episcopal de Medellín, na Colômbia (1968). Nesse evento, foi reconsiderado o papel da Igreja Católica diante da complexa realidade da região e estabelecida a escolha preferencial da Igreja em favor dos pobres (KRONEMBERGER, 2018).

Eram seis homens e estavam armados com revólveres. Eles enfiaram um capuz na minha cabeça, me obrigaram a entrar num automóvel, arrancaram minhas roupas e passaram a chutar e pisar meu corpo. Eu estava certo de que iam me matar (...) preparei-me para morrer, enquanto meus sequestradores prosseguiam me submetendo a toda sorte de humilhações. Depois de esguicharem um spray de tinta vermelha sobre meu corpo, me abandonaram algemado e nu, numa rua escura de Jacarepaguá (Dantas, 1978, p. 149).

Este trecho destaca a violência física e psicológica enfrentada por Dom Adriano devido às suas atividades políticas, evidenciando o nível de perseguição e opressão que ele suportou. Esse episódio ganhou grande repercussão na imprensa nacional, ampliando o reconhecimento do trabalho realizado por ele em Nova Iguaçu. Apesar das adversidades, o bispo sempre buscou promover a justiça para a população local, que enfrentava violências estruturais e sociais cotidianamente. Nas décadas de 1970 e 1980, em Nova Iguaçu, a atuação da Igreja e a mobilização dos movimentos populares, fossem eles estruturados institucionalmente ou articulados de forma espontânea, desempenharam papel central na projeção desses coletivos no cenário nacional, provocando incômodo entre os representantes do governo civil-militar vigente. Dom Adriano Hypólito, como bispo atuante em uma cidade marcada por turbulências, junto com os médicos que se dedicaram à região, desempenhou papel significativo no fortalecimento desses movimentos sociais.

Os entrevistados

Ana Alice, cuja ocupação atual é na Secretaria de Saúde do Estado do Rio de Janeiro, foi entrevistada em 16 de dezembro de 2020. Nascida em janeiro de 1950 na cidade do Rio de Janeiro. Ana Alice informou que é filha de imigrantes portugueses; seu pai era marceneiro e sua mãe costureira. Ela recordou da dedicação intensa de seus pais ao trabalho e do encorajamento materno para que ela estudasse medicina, conforme suas palavras:

Minha mãe me incentivava muito a fazer medicina. Eu sempre tinha medo, porque eu tinha medo de ter que operar, fazer cirurgia, até o dia que eu descobri que eu não precisava fazer cirurgia. Aí eu falei para minha mãe: Eu quero fazer medicina. Mas era com vontade mesmo.

As palavras maternas motivaram a entrevistada a seguir a carreira médica, apesar de inicialmente ter receios quanto à realização de cirurgias. Ao descobrir que tinha outras opções na medicina, comunicou à sua mãe sua decisão de seguir esse caminho. Em outra parte, a entrevistada mencionou que o incentivo materno foi impulsionado pela frustração de sua mãe por não ter tido oportunidades educacionais em Portugal e por também desejar estudar medicina.

A entrevista com o médico Nelson Nahon foi realizada em 19 de janeiro de 2021. Ele nasceu na cidade do Rio de Janeiro em 1949 e cresceu na Zona Sul da cidade, mudando-se para Nova Iguaçu durante o período da ditadura civil-militar. Inicialmente residiu no que hoje é a cidade Belford Roxo, então era um distrito de Nova Iguaçu, o local se tornou um município independente na década de 1990 devido a mudanças político-administrativas na região. Sobre isso, Alves (2020, 164), resgatou o processo de formação social da região no cenário político nos anos 1990. O autor analisou a reconfiguração geopolítica local, destacando que, antes desse período, Nova Iguaçu possuía uma extensão territorial muito maior. No entanto, com a emancipação dos distritos de Belford Roxo, Japeri e Queimados, ocorreu uma fragmentação do poder de grupos que dominavam a região politicamente. Atualmente, Nahon vive em Teresópolis, na Região Serrana do Rio de Janeiro, mas sua carreira médica ocorreu predominantemente na Baixada Fluminense.

Durante a entrevista, Nahon descreveu sua origem em uma família de classe média alta, com seu pai comerciante e sua mãe dona de casa. A ascendência de sua família inclui raízes no Pará e Marrocos, com origens que remontam à Rússia. Ele relatou que sua família migrou para o Brasil para escapar da miséria e perseguições religiosas na Espanha. Seu pai foi um militante político do Partido Socialista Brasileiro nos anos 1950.

Noronha atribuiu ao pai ideais humanistas que o levaram a uma postura política alinhada aos ideais de justiça e igualdade. Ele falou também sobre o projeto de saúde que ele e sua esposa, Lúcia Souto, desenvolveram ao chegar em Nova Iguaçu, enfatizando seus esforços para atender às necessidades de saúde da população pobre na região. Em suas palavras:

Então, já naquele setor de medicina social, já tínhamos um projeto (...) de atenção à saúde com populações, digamos assim, para incorporar a prática da medicina, é... que a gente chamava Projeto de Expansão de

Cobertura para populações muito desassistidas (...) naquele momento não existia SUS⁴, era um sistema bastante segmentado, grandes contingentes populacionais estavam fora da atenção à saúde.

O entrevistado destacou a intenção de incorporar práticas médicas que atendessem às necessidades de comunidades historicamente negligenciadas. Ele ressaltou que em 1973, quando ocorreram essas iniciativas, ainda não existia o Sistema Único de Saúde (SUS) no Brasil, e o acesso aos serviços de saúde era extremamente fragmentado, deixando vastas parcelas da população sem atendimento adequado. O médico José Noronha indicou que as ações realizadas por ele e outros médicos nas periferias urbanas, como em Nova Iguaçu, foram vistas por muitos autores como a gênese do que viria a se tornar o SUS. No contexto do projeto mencionado, foi estabelecido um Posto de Saúde no bairro de Cabuçu, em Nova Iguaçu. O entrevistado enfatizou a participação crucial da Igreja Católica local nesse projeto. Ele expressou:

Nós construímos um pequeno posto de saúde em Cabuçu, junto com a igreja lá de (...) em Nova Iguaçu. A gente fazia um postinho, nós trabalhávamos como médicos, eu ia uma vez por semana, aos sábados eu ia para lá, mas eu morava em Nova Iguaçu e o trabalho nosso era de tentar recuperar, digamos, a ideia nossa era, a gente estudava o Paulo Freire.⁵

Segundo José Noronha, seu projeto de saúde coincidia com a visão de Dom Adriano na época das Comunidades Eclesiais de Base e da Teologia da Libertação. O entrevistado destacou que o bispo colaborava com os padres de sua Diocese para prepará-los para atividades voltadas às comunidades mais carentes, o que, na visão de Noronha, facilitava o desenvolvimento de seu próprio projeto na área da saúde. Ele mencionou especificamente o Centro de Formação construído por Dom Adriano no bairro de Moquetá, outro bairro de Nova Iguaçu.

No Centro de Formação de Líderes em Moquetá, Noronha relatou que começou um trabalho com alguns padres, embora não se lembresse de todos

⁴ Sistema Único de Saúde (SUS) - Criado pela Constituição de 1988.

⁵ Paulo Freire (1921-1997). Foi um filósofo e educador brasileiro.

os nomes, ele explicou que ao longo do tempo, ele e seus colegas identificaram as lideranças comunitárias com base em suas habilidades de relacionamento, capacidade de articulação e disposição para o diálogo. Para esse grupo de militantes, essas características eram essenciais para o papel de liderança, pois iniciaram o

um movimento de discussão dos problemas de saúde, pegando aquelas lideranças que vinham, que Nova Iguaçu tinha tido em 1969. Na ocasião do golpe militar tinha até um grupo importante no bairro do Monte Líbano, um outro bairro de Nova Iguaçu, onde tinha alguns outros militantes.

A médica Lúcia Souto concedeu sua entrevista em 12 de dezembro de 2020. É pertinente que sua apresentação seja seguida da entrevista do médico José Noronha, uma vez que eles foram casados e residiram em Nova Iguaçu. Lúcia Souto relatou ter nascido na cidade do Rio de Janeiro, sendo filha de militar, embora caracterize seu pai como "um militar não tão radical". Ela mencionou que, apesar das frequentes transferências de seu pai, concluiu o curso de Medicina na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) em 1974. Sua graduação atravessou o período da ditadura civil-militar no Brasil, época em que muitos estudantes se engajaram na resistência ao sistema opressor vigente. Lúcia destacou que, no ano de sua formatura, o movimento pela Reforma Sanitária no Brasil já estava em andamento, sendo um importante movimento que culminou na inclusão do direito à saúde na Constituição Brasileira de 1988.

A Reforma Sanitária Brasileira consolidou-se como um movimento amplo e articulado, envolvendo profissionais da saúde, acadêmicos, ativistas e lideranças políticas, alcançando seu marco principal com a promulgação da Constituição de 1988, que reconheceu a saúde como um direito fundamental. Nesse contexto, a atuação de Dom Adriano Hypólito em Nova Iguaçu destacou-se pela defesa incansável da justiça social e do direito à saúde, alinhando-se aos princípios da Reforma Sanitária Brasileira.

Fundamentação teórica

Bosi (1994, p. 413), destacou a importância da memória coletiva, ainda que seja um indivíduo que se recorda. Neste trabalho foi considerada a

memória individual de cada entrevistado e suas histórias de vida anteriores ao trabalho em Nova Iguaçu, pois suas experiências pregressas e construções de memória os moldaram como militantes sociais nos anos 1970 e 1980. Apesar de virem de ambientes diversos, as influências familiares, escolares e sociais convergiram para que se tornassem agentes de transformação durante a ditadura, criando memórias e histórias. O grupo entrevistado buscou, ao longo do tempo, manter-se em contato, quase todos envolvidos em atividades políticas, unidos pelo trabalho desenvolvido em Nova Iguaçu e pelas memórias em torno de Dom Adriano Hypólito, figura central na luta por direitos na cidade.

Os entrevistados compartilharam memórias do período analisado, inclusive de eventos que não viveram juntos, mas que lembram de terem ocorrido, com um validando a fala do outro, seja por experiência direta ou por relatos. Assim, as lembranças coletivas se configuraram como uma "realidade social (...) que sofre contínuos retoques à medida que nós abrimos para outros depoimentos" (Bosi, 1994, p. 413). Por exemplo, a entrevistada Ana Alice, ao ser questionada sobre uma manifestação em Nova Iguaçu mencionada em matéria do jornal *O Globo*, não se lembrava, mas considerou possível sua participação, validando o destacado por Bosi (1994):

As testemunhas que retificaram uma lembrança não conseguem sempre fazer-nos revivê-la, surpresos o relato de uma cena do nosso passado sem conseguir revivê-la, descrevem nossa atuação e nos sentimos estranhos à narrativa (BOSI,1994, p. 413).

No caso de Ana Alice, ela manteve-se firme ao afirmar que não se lembrava do evento publicado pelo jornal, mas continuou a entrevista sem demonstrar desconforto, não se sentindo "estranha à narrativa" da luta do movimento do qual participou ativamente. Esse comportamento é peculiar, pois, conforme Bosi (1994, p. 413), quando outras pessoas descrevem situações nas quais estivemos presentes, mas não nos sentimos parte daquilo que está sendo narrado, tendemos a nos sentir deslocados daquele contexto descrito. Esse aspecto requer cuidado por parte do entrevistador, uma vez que uma colocação inadequada pode confundir o entrevistado, pois se a memória não se encontra, a lembrança não se realiza.

Lúcia Souto⁶ relatou que sua história de resistência e luta começou durante seus estudos de medicina na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Ela afirmou que muitos alunos se envolveram na luta e na resistência à ditadura civil-militar, e que muitos foram presos, inclusive ela. Segundo suas palavras:

Cada um que era preso, cada grupo que era preso naquele período ia procurar o abrigo da CNBB⁷. E íamos lá porque a igreja já tinha toda aquela inspiração da Teologia da Libertação e era um grande abrigo. Então a gente ia lá porque era uma igreja comprometida com os Direitos Humanos, comprometida com a luta popular, enfim, com os princípios da Teologia da Libertação. Então cada grupo que ia preso a gente ia lá pedir o apoio da CNBB que sempre nos dava esse apoio e com isso formamos um grande vínculo com a própria CNBB.

O trecho citado por Lúcia Souto descreveu a relação entre os presos políticos durante o período da ditadura civil-militar no Brasil e a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB). Segundo o relato, parte da CNBB era vista como um refúgio seguro para ex presos políticos e perseguidos, inspirada pela Teologia da Libertação e comprometida com os direitos humanos e a luta popular. Esse vínculo mencionado por Lúcia Souto exemplifica o papel de algumas instituições religiosas na luta contra a ditadura civil-militar no Brasil. A Teologia da Libertação buscava integrar a fé cristã com a luta pela justiça social e a libertação dos oprimidos. Ao oferecer abrigo aos presos políticos, parte da CNBB tornou-se uma importante aliada na resistência contra a ditadura, além de chamar a atenção da opinião pública para as violações dos direitos humanos no país.

A entrevistada e seus colegas queriam "ir ao encontro do povo brasileiro (...) fosse onde o povo (...) estivesse e para isso a gente foi procurar o Dom Ivo Lorscheiter." Lúcia relatou que, naquele encontro, estavam presentes ela e Antônio Ivo, um dos quatro profissionais da medicina que, na década de 1970, se deslocaram para Nova Iguaçu com o propósito de atuar na área da saúde, uma iniciativa que contribuiu significativamente para o fortalecimento dos movimentos sociais no município. Em relação à ida do grupo para Nova Iguaçu, nas palavras de Lúcia Souto, eles foram primeiro conversar com Dom Ivo Lorscheiter porque

⁶ Lúcia Souto é uma ativista política engajada na questão da saúde pública e ativa nas mídias sociais, principalmente em relação à situação política do Brasil.

⁷ Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB).

a gente estava disposto a ir para qualquer lugar que o Dom Ivo mandasse a gente ir. Se fosse para o interior do Mato Grosso, interior de não sei onde, onde estava o Dom Pedro Casaldáliga (...) enfim, aqueles bispos que eram quase que referencial daquela luta popular e democrática.

Lúcia Souto descreveu a disposição dos militantes da luta contra a ditadura civil-militar no Brasil de seguir as orientações dos bispos que eram referência na luta popular e democrática, como Dom Pedro Casaldáliga. Ela enfatizou que estavam dispostos a ir para qualquer lugar que Dom Ivo Lorscheiter ou a resistência indicasse. Essa passagem é significativa, pois demonstra a importância dos líderes religiosos na luta contra a ditadura civil-militar no Brasil. Muitos bispos, padres e outras figuras religiosas desempenharam um papel ativo na defesa dos direitos humanos e na resistência à ditadura. Segundo Lúcia Souto, Dom Ivo Lorscheiter aconselhou que não precisavam ir para um lugar tão distante da cidade do Rio de Janeiro, sugerindo a Baixada Fluminense, especificamente Nova Iguaçu, onde o bispo era Dom Adriano Hypólito. Eles seguiram essa orientação e foram ao encontro de Dom Adriano. Lúcia Souto relatou que:

Dom Adriano Hypólito que nos recebeu ali na salinha da igreja, da catedral, uma salinha bem modesta, bem singela, bem simples (...) nos ouve com atenção, que a gente queria trabalhar, que éramos médicos.

O trecho retrata o encontro entre os médicos e Dom Adriano Hypólito, que ocorreu em uma pequena sala na catedral da cidade. Lúcia Souto destacou a humildade do ambiente e a atenção com que o bispo os escutou. Dom Adriano Hypólito, um líder religioso progressista, ao receber um grupo de médicos em um espaço tão modesto, sugere sua escolha por uma vida simples. Ele demonstrou disposição para apoiar aqueles que lutavam por melhorias sociais, mesmo que não fossem figuras políticas ou religiosas. Ao final do encontro, Dom Adriano teria declarado: “Olha, vocês ou são cristãos ou são comunistas”, mas acrescentou que naquele momento não era sua função fazer tal questionamento, garantindo que as portas da Diocese de Nova Iguaçu estariam sempre abertas para os médicos. Segundo Lúcia:

E por essas portas abertas pelo Dom Adriano nós entramos na Diocese de Nova Iguaçu, que era na verdade um município gigantesco (...) uma fama terrível (...) eu me lembro muito bem, lá tinha a questão dos grupos de extermínio, as milícias de hoje, que já são antigas.

Lúcia Souto fez referência a Dom Adriano e ao seu papel na abertura de portas da diocese de Nova Iguaçu aos médicos, diocese de uma cidade descrita como enorme e associada a uma fama terrível de violência. A descrição de Nova Iguaçu como um "município gigantesco" refere-se à década de 1970, duas décadas antes da emancipação dos municípios de Belford Roxo, Mesquita e Queimados. A entrevistada também mencionou os grupos de extermínio na região, um tema já muito discutido. Nessa situação, os médicos começaram a trabalhar em Nova Iguaçu. Sobre o trabalho desenvolvido, Lúcia afirmou o seguinte:

Nós começamos fazendo duas iniciativas (...) uma juntos, nós criamos um consultório médico popular (...) havia um pioneirismo nessa coisa (...) então a gente criou um posto médico, um postinho comunitário de saúde ali no bairro de Cabuçu (...) E aí nesse postinho a gente atendia três vezes por semana (...) éramos (...) dois casais de médicos que estávamos trabalhando lá.

A citação descreveu a criação de duas iniciativas: um consultório médico popular e um posto médico comunitário de saúde, ambos situados no bairro de Cabuçu. Os autores dessas iniciativas são caracterizados como pioneiros, sugerindo a escassez de projetos semelhantes na época. Entre os quatro médicos envolvidos estava José Noronha, que afirmou em entrevista ter trabalhado no projeto desenvolvido por Lúcia Souto em parceria com a Caritas Diocesana. Segundo ele:

Quem elaborou o projeto da Caritas Diocesana foi basicamente Lúcia e o Ivo. Eu ajudei, digamos, nisso, naquilo (...), mas quem negociou, quem esteve com Dom Adriano foi (...) Lúcia e Antônio Ivo.

José Noronha discutiu a elaboração do projeto da Caritas Diocesana, destacando o papel central de Lúcia Souto e Antonio Ivo nesse processo, sugerindo que sua própria contribuição foi menos significativa. O entrevistado destacou a presença definitiva da Igreja Católica no desenvolvimento do projeto. Nas palavras de José Noronha:

Nós construímos um pequeno posto de saúde em Cabuçu, junto com a igreja lá (...) em Nova Iguaçu. A gente fazia um postinho, nós trabalhávamos como médicos, eu ia uma vez por semana, aos sábados (...) e o trabalho nosso era de tentar recuperar (...) a ideia era (...) digamos, mobilizar a população em luta por seus meios.

O entrevistado descreveu a construção de um posto de saúde em Cabuçu, realizado em colaboração com a Igreja Católica local. Ele indicou que trabalhava como médico nesse posto e destacou que a ideia por trás desse projeto era ajudar a população local a se mobilizar para lutar por seus direitos. A expressão "mobilizar a população em luta por seus meios" indica que o projeto também tinha uma dimensão política, visando capacitar a população local para lutar por seus direitos e melhorias na comunidade. A narrativa de José Noronha está em consonância com a fala de Lúcia Souto sobre a localização do primeiro posto de saúde que construíram. Noronha apresentou um objetivo adicional do projeto:

coincidia justamente com a visão do Dom Adriano que, naquela época, tinha (...) as Comunidades Eclesiais de Base, à época da Teologia da Libertação. Dom Adriano era um adepto, grande, usava, trabalhava muito com seus padres no sentido de preparação para essas atividades. Isso facilitava lá também, abriu o Centro de Formação em Moquetá (...) outro bairro de Nova Iguaçu (...) então foi, começamos um trabalho junto com os padres, eu não me recordo o nome deles todos. O padre Matteo foi muito importante nessa tarefa.

A participação dos quatro médicos foi destacada nas falas dos entrevistados, mas além desses quatro, havia outros, como Nelson Nahon, que relatou uma situação ocorrida enquanto estava preso pela ditadura civil-militar, quando recebeu uma carta que mencionava o Conselho Comunitário da Igreja. Esse trecho causou problemas com os agentes da ditadura, que suspeitavam de ligações com o comitê central de algum partido político. Esse evento ocorreu antes do período da "abertura política", quando a ditadura ainda era muito repressiva. Isso indica que, antes da chegada dos médicos sanitaristas, já existia uma organização de resistência à ditadura e luta por melhores condições de vida, com a ajuda da Igreja Católica. Nelson Nahon também comentou sobre Dom Adriano:

Estava em fase de ditadura e o Dom Adriano Hypólito autoriza que quatro médicos que não são da Igreja Católica entrem na Caritas para fazer trabalho de conscientização. Coisa fantástica! Coisa maravilhosa! Como é que pode? O cara deixou entrar gente que ele sabia que era de esquerda. Não perguntou: mas você é de qual partido? Estava na cara, não é? Estava na cara quem são esses caras.

Nelson Nahon argumentou que o episódio ocorreu durante a ditadura, um período em que ações de oposição ao sistema político vigente eram

extremamente arriscadas. No entanto, mesmo nesse cenário repressivo, Dom Adriano Hypólito autorizou a entrada de quatro médicos não católicos na Caritas para realizar um trabalho de conscientização. Essa atitude foi descrita como "fantástica" e "maravilhosa", destacando a coragem e inovação de Dom Adriano, especialmente considerando que Nahon havia vivenciado a repressão em primeira mão. É relevante complementar que a autorização foi concedida independentemente das inclinações políticas dos médicos, que eram de esquerda e poderiam ser considerados inimigos da ditadura civil-militar. Dom Adriano Hypólito demonstrou resistência e solidariedade, permitindo que profissionais de outras áreas e ideologias se unissem à luta por justiça, igualdade e pelos valores da democracia e dos Direitos Humanos.

A ideia de resistência está sendo analisada neste trabalho por meio dos estudos de Michel de Certeau (1998, p. 97-102) que discute a resistência a partir das interações diárias dos indivíduos com as estruturas de poder. Ele diferencia estratégias, usadas por instituições para organizar e controlar o espaço social, de táticas, práticas improvisadas que as pessoas empregam para subverter ou ressignificar essas imposições. Essas ações não são necessariamente planejadas ou visíveis em grande escala, mas se manifestam em gestos simples. Certeau (1998) demonstra que a resistência não se limita a grandes movimentos políticos, mas se concretiza também nas sutilezas do cotidiano.

Já o conceito de solidariedade está sendo posto pelos escritos de Norberto Bobbio (2004), que analisa este conceito como um elemento essencial no campo dos direitos humanos e da democracia. Ele a considera um princípio central para a efetivação dos direitos humanos, especialmente os que abrangem questões coletivas, ultrapassam a esfera individual e demandam ações conjuntas da sociedade e dos Estados para sua concretização.

Nelson Nahon também enfatizou a atitude de Dom Adriano em receber os médicos na diocese de Nova Iguaçu, mencionando que nunca foi questionado sobre filiação partidária ou prisão e foi bem acolhido. Nas palavras de Nelson, ficou explícita sua admiração por Dom Adriano no âmbito pessoal e social. Ele também falou dos moradores da região, dizendo:

Ele permitiu e nunca fui (...) questionado sobre filiação partidária, prisão. Nunca perguntaram nada. Fui bem recebido: (...) "Você é médico?" "Que

bom!" Entendeu? E permitiram que a gente trabalhasse ali e fizesse o trabalho político que frutificou do ponto de vista organizacional do PC do B⁸ e do PT⁹ e de outros partidos talvez.

De acordo com o narrador, ele teve uma experiência positiva ao trabalhar na Baixada Fluminense, sendo bem recebido e nunca questionado sobre sua filiação partidária ou histórico de prisão, apesar do ambiente de repressão política. Nelson Nahon mencionou que o trabalho político realizado em Nova Iguaçu frutificou do ponto de vista organizacional, sugerindo que sua atuação contribuiu para a consolidação de organizações políticas e para a ampliação da base social que elas representavam.

A entrevistada Ana Alice relata seu engajamento político em um período de intensa repressão, marcado por prisões e torturas contra opositores da ditadura civil-militar. Apesar dos riscos, optou por atuar em defesa da justiça e da igualdade. Sua militância, segundo ela, foi intensa e, em determinados momentos, exigiu que priorizasse a luta política em detrimento de sua formação acadêmica. Consciente do perigo, recebeu orientações para evitar exposição excessiva, uma vez que muitas pessoas já haviam sido presas. Ainda assim, manteve sua participação ativa dentro da universidade.

Ana Alice mencionou que os médicos Antonio Ivo, Lúcia Souto e Anna Leonor, já estavam envolvidos em atividades na Baixada Fluminense quando ela chegou à região. Ela já estava familiarizada com o trabalho e com as pessoas envolvidas na militância local, e prontamente se uniu a eles. Ana Alice também destacou que foi chamada para integrar uma coordenação, uma experiência que lhe fez sentir a confiança das pessoas nela. Então ela mesmo se pergunta e responde:

Por que que eu fui? Porque eu queria, na verdade, eu queria mudar a realidade das pessoas (...) a gente estava vivendo uma ditadura que massacrava, dizia coisas falsas, você percebia que na verdade a participação, a militância que existia, é, nessa época já tinha o ABC Paulista que estava se fortalecendo e tal, mas aqui na Baixada você tinha assim uma precariedade das coisas chegarem até eles (...) então eu fui para a militância.

Ana Alice delineou sua motivação para ingressar na militância, expressando uma vontade de transformar a realidade das pessoas. Ela

⁸ Partido Comunista do Brasil (PC do B)

⁹ Partido dos Trabalhadores (PT)

observou uma disparidade na participação e na militância entre as regiões da Baixada Fluminense e do ABC Paulista, sendo a primeira marcada por condições precárias. Ana Alice mencionou que ao entrar na militância em Nova Iguaçu, já existia um movimento estabelecido, mas ela desejava ampliar suas atividades. Inicialmente, trabalhou em um ambulatório da Igreja Católica no bairro de Santa Maria, Belford Roxo, e, posteriormente, assumiu um cargo concursado em Nova Iguaçu, onde colaborou na fundação da Associação da Posse junto a outros indivíduos. Ela enfatizou que Nova Iguaçu estava subdividida em várias regionais, sendo que ela se dedicou particularmente à regional do bairro Miguel Couto. Ana Alice descreveu seu compromisso com o trabalho como intenso, refletindo suas próprias palavras sobre a dedicação necessária:

A gente trabalhava muito, fazia muita coisa. Hoje eu fico pensando, vira e mexe eu penso isso, aqui está um calor danado e quando começa a esquentar eu não suporto o calor, mas naquele tempo, a gente jovem (...) eu andava muito. Eu pegava o carro, eu aprendi (...) a montar som no carro, lá ia eu com o carro, rodar com som. Quando era preciso eu ia distribuir panfleto. Andava no sol, porque a Baixada é muito quente.

Ana Alice detalhou o esforço coletivo envolvido em sua atividade militante, destacando o trabalho realizado por ela e seus colegas. Mencionou que na juventude conseguia lidar com condições desafiadoras, como longos deslocamentos a pé, dirigir grandes distâncias e enfrentar o clima quente da Baixada Fluminense. Em outro ponto da entrevista, Ana Alice também destacou o apoio significativo da Igreja Católica aos movimentos sociais, mencionando que frequentava as missas e, ao final, era autorizada pelo padre a comunicar os recados da Associação de Moradores à comunidade.

Nelson Nahon relatou que ao chegar na região, inicialmente alugou um pequeno quarto no bairro Vilar dos Teles. Logo após, passou a integrar o Grupo Jovem da Igreja Católica local. Ele mencionou que essa aproximação com a Igreja aconteceu de forma tranquila, especialmente porque ninguém na área sabia de sua origem judaica. As pessoas tinham poucas informações sobre ele, já que estava vivendo na clandestinidade e precisava evitar qualquer atitude que pudesse chamar a atenção ou destoar da realidade da comunidade. Para ele e seu grupo, naquele momento havia apenas duas opções, "ou você seria preso ou então você teria que sair do país, que nunca foi minha opção, então você teria que ficar atuando de uma forma clandestina". Conforme relatado

pelo entrevistado, em maio de 1972, diante dessa situação crítica, ele tomou a decisão de não ser preso ou morto, como havia ocorrido com outros companheiros. Em seu relato, ele explicou que optou por se deslocar para a Baixada Fluminense. Segundo ele, essa escolha foi motivada por razões políticas, pois ele tinha o desejo de

tentar me ligar às pessoas, os trabalhadores do Rio de Janeiro, ali era uma cidade que já tem hoje algumas características mais, mas era uma grande cidade dormitório, e fui para lá. Então cheguei na Baixada e fui frequentar uma Igreja Católica do bairro do Jardim Gláucia. Então esse foi o meu motivo de ter ido para a Baixada Fluminense.

Nelson Nahon mencionou seu objetivo de se conectar com os habitantes e trabalhadores da Baixada Fluminense, uma área conhecida como "cidade dormitório". Ao frequentar uma Igreja Católica local, ele buscava estabelecer laços com a comunidade e integrar-se ao ambiente religioso. Em outra parte da entrevista, ele explicou que sua decisão de se mudar para a região ocorreu após uma discussão interna no Partido Comunista do Brasil (PCdoB), com o propósito específico de realizar uma tarefa partidária, aproximando-se dos trabalhadores locais. Nahon refletiu sobre sua experiência na Baixada Fluminense como uma lição de vida significativa, independentemente das considerações políticas partidárias. Ele destacou que essa fase de sua vida teve um impacto profundo em sua formação pessoal.

Outros entrevistados também narraram suas experiências ao mudarem-se para Nova Iguaçu, onde encontraram apoio do bispo Dom Adriano Hypólito, que conforme descrito por Bosi (1994) seria como uma figura central e respeitada pelo grupo. A autora argumentou que diversos fatores contribuem para a formação da memória compartilhada por um grupo, incluindo a influência de figuras carismáticas que, no caso deste trabalho, seria Dom Adriano Hypólito. Em suas palavras:

o lugar que alguém ocupa na consideração de seu grupo (...) O membro amado por todos terá suas palavras e gestos anotados e verá com surpresa, anos depois, seus menores atos lembrados e discutidos. Palavras de afeto, gestos de solidariedade que partiram dele são ciosamente guardados e agradecidos (BOSI, 1994, p. 414).

A passagem de Bosi (1994) discute a importância da posição ocupada por um indivíduo dentro de um contexto social. A autora enfatizou que um

membro respeitado e querido por todos é altamente valorizado, e suas ações são lembradas e discutidas ao longo do tempo. Mesmo pequenos atos realizados por essa pessoa são notados e apreciados pelo grupo. Expressões afetuosa e atos de solidariedade realizados por esse indivíduo são preservados na memória coletiva do grupo e geram gratidão por parte dos demais membros. A lembrança que cada entrevistado tem de Dom Adriano Hypólito foi marcada por consideração, afeto e admiração. Cada membro recordou gestos de coragem, generosidade, trabalho e amor que o bispo dedicava a todos. Para Lúcia Souto, por exemplo, Dom Adriano foi uma figura profundamente significativa, destacando seu vasto conhecimento cultural, conforme suas próprias palavras:

Ele era de uma sabedoria imensa. E ele transmitia essa sabedoria. Nos gestos dele tinha uma simpatia, ele tinha uma capacidade de escuta, ele tinha uma animação, entendeu? E era uma pessoa extremamente corajosa.

A admiração dos entrevistados por Dom Adriano aumentou significativamente após seu sequestro, devido à corajosa conduta que ele demonstrou. Lúcia Souto destacou que todos esperavam que ele sofresse muito após a violência que sofreu, mas, para surpresa de todos, ele emergiu ileso e declarou publicamente que seus sequestradores não o intimidaram. Essa postura foi descrita como marcante por Lúcia Souto, impactando tanto aqueles que conviviam diretamente com o bispo quanto a opinião pública em geral.

Lúcia Souto também relembrou a influência de Dom Adriano nas questões sociais, especialmente em sua ajuda nas lutas pelos conjuntos habitacionais de Nova Iguaçu. O bispo foi crucial em negociações que evitaram o despejo de moradores inadimplentes de suas casas. Sua postura combativa estava alinhada com os princípios da Teologia da Libertação, adotada por muitos membros progressistas da Igreja Católica na época, apesar das divisões ideológicas dentro da instituição. Além de seu compromisso com questões habitacionais, Lúcia Souto mencionou seu esforço para estabelecer um convênio entre a Igreja e o Instituto Nacional de Previdência Social (INAMPS) para melhorar o acesso da comunidade local aos serviços médicos. A iniciativa visava aumentar os recursos para contratar

profissionais de saúde, oferecer suporte técnico e expandir os serviços de saúde na cidade.

Dom Adriano topou. Dom Adriano era ousado. Ele topou. Ele disse assim: 'vamos fazer sim, o povo precisa'. Não mediu esforços de viabilizar e aí foi feito um convênio Caritas¹⁰-INAMPS¹¹. Esse convênio Caritas-INAMPS, ele foi tão bacana, porque também depois houve a contratação de agentes de saúde, comunitários, de endemias. Os primeiros agentes da dengue que foram contratados na Baixada foram via Caritas, para combater a dengue.

Segundo a entrevistada, Dom Adriano demonstrou prontidão em aceitar o desafio de estabelecer uma parceria entre a Caritas e o INAMPS para atender às necessidades de saúde da população local, respondendo afirmativamente com a declaração "vamos realizar sim, o povo necessita". Ele agiu rapidamente para viabilizar essa parceria, que se mostrou bem-sucedida. Além de facilitar a cooperação entre as duas instituições, a parceria resultou na contratação de profissionais de saúde, desempenhando um importante papel no combate à dengue e a outros problemas de saúde na região.

Nelson Nahon destacou a combatividade e a coragem de Dom Adriano durante a ditadura civil-militar no Brasil, mencionando que o bispo autorizou quatro médicos não católicos a se envolverem em atividades de conscientização por meio da Caritas. Nelson Nahon expressou sua admiração por Dom Adriano, apesar de não ter tido contato direto com ele, aprendendo sobre suas ações por intermédio de outros membros do grupo. Em suas palavras:

Eu considero Dom Adriano Hypólito um grande humanista. Grande. Democrata, humanista, de uma grandeza. E eu gosto de falar dele porque eu não o conheço, não conheci ele.

Nelson Nahon teve contatos limitados com Dom Adriano, geralmente assistindo a reuniões organizadas por ele ou solicitando sua presença nelas. Segundo Bosi (1994), é fundamental reconhecer que a maior parte das

¹⁰ Caritas Diocesana – Ligada à Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), que se preocupa com promoção e atuação social e da defesa dos Direitos Humanos.

¹¹ INAMPS – Instituto Nacional de Assistência Médica da Previdência Social – Precedeu o Sistema Único de Saúde (SUS) e foi extinta em 1993.

lembranças não é autônoma nem individual, mas sim construída por meio das interações e trocas que estabelecemos com outras pessoas ao longo do tempo. Nossas memórias são influenciadas pelas histórias, perspectivas e experiências compartilhadas com outros indivíduos. A essência desse conceito reside na compreensão de que as lembranças não se originam isoladamente em nossa mente, mas são modeladas e enriquecidas por meio das relações sociais. À medida que nos conectamos com outras pessoas, compartilhamos narrativas, lembranças e vivências que se incorporam ao nosso repertório de memórias, que são moldadas pelas histórias coletivas, pelos relatos de outros indivíduos e pelos eventos compartilhados. Com o passar do tempo, essas memórias se entrelaçam e se tornam parte integrante de nossa memória pessoal. A interação contínua entre indivíduos contribui significativamente para a construção e evolução das nossas memórias ao longo de nossas vidas.

Os movimentos sociais em Nova Iguaçu

Carvalho (2014, p. 188) relata que, desde o início da "abertura" promovida pelo Governo Geisel na segunda metade da década de 1970, os movimentos sociais se expandiram significativamente, especialmente nas periferias das grandes metrópoles, como a Baixada Fluminense. De acordo com Carvalho (2014, p. 188), as grandes movimentações sociais desse período focavam nos problemas concretos da vida material cotidiana. O rápido crescimento da população urbana causou um grande desgaste, e os poderes públicos não conseguiram, ou não desejaram, acompanhar as novas demandas com investimentos e melhorias rápidas nos serviços essenciais, nas palavras do autor:

O que os movimentos pediam eram medidas elementares, como asfaltamento de ruas, redes de água e de esgoto, energia elétrica, transporte público, segurança, serviços de saúde. Os movimentos de favelados reclamavam ainda a legalização da posse de seus lotes (CARVALHO, 2014, p. 188).

As características mencionadas formaram a base dos movimentos sociais urbanos das décadas de 1970 e 1980. Muitos entrevistados relataram que as lutas se concentravam na obtenção de direitos básicos para as comunidades. Apenas na década de 1980, alguns desses movimentos

começaram a se alinhar com partidos políticos, apoiando candidatos, lançando seus próprios candidatos e enfrentando divisões internas por divergências políticas ou interesses diversos. De acordo com Carvalho (2014, p. 188), esses movimentos despertaram a consciência dos direitos dos moradores e influenciados pela presença de políticos perseguidos pela ditadura, como em Nova Iguaçu, os líderes comunitários foram treinados nessa arte e ingressaram na vida política partidária, revelando a complexidade das relações entre os movimentos de base comunitária, a participação política e as percepções da população em relação aos candidatos.

Silva (1993, p. 34) desenvolveu a ideia de que o aumento da participação política do Movimento de Bairros em Nova Iguaçu teve início em 1974, quando dois jovens médicos, Antonio Ivo e Anna Leonor, começaram um trabalho voltado para a saúde pública no bairro Cabuçu. Os depoimentos coletados para o estudo indicam o pioneirismo desses médicos na questão da saúde em Nova Iguaçu. Citando Scott (1988), Silva (1993) destacou que inicialmente o casal atendia quase gratuitamente e oferecia cursos relacionados à saúde. Contudo, perceberam que suas ações médicas não eram suficientes para atender à população subnutrida e sem saneamento básico. Assim, passaram a considerar a possibilidade de organizar a população para transformar essa realidade.

No início de 1975, a Cáritas Diocesana formalizou a contratação de Lúcia Souto e José Noronha para ampliar sua atuação nos ambulatórios paroquiais, especificamente no desenvolvimento do Programa de Higiene Materno-Infantil no Centro Social de Cabuçu. Esses médicos, no entanto, já exerciam atividades na região antes desse vínculo institucional. Silva (1993) afirmou que, por meio da questão da saúde, durante a vigência do AI-5 e a repressão, a Igreja Católica de Nova Iguaçu apoiou a atuação de médicos comprometidos com práticas além do assistencialismo. As entrevistas revelaram que esses médicos desejavam implementar um trabalho social com objetivos políticos. Sob a perspectiva de Silva (1993):

A contratação dos médicos sanitaristas significa para a Igreja de Nova Iguaçu um salto qualitativo em sua linha pastoral. A Igreja, sensível à necessidade de organizações de origem popular, de instrumentos de luta do povo, reforça sua prática de “conscientização” (SILVA, 1993, p. 35) (Grifos do autor).

A citação indica que a contratação dos médicos sanitaristas representou uma mudança positiva na atuação da Igreja, que passou a se envolver mais ativamente com as demandas sociais e políticas da comunidade. A prática de "conscientização" referida implica um esforço para despertar consciências e engajar as pessoas, estimulando-as a refletir criticamente sobre sua realidade e buscar transformações sociais.

Para Silva (1993), os entrevistados deste livro representariam a conhecida "vanguarda", especialmente os médicos que se dirigiram a Nova Iguaçu com um projeto político, mas sem base estabelecida. Nesse contexto, a Igreja seria vista não como vanguarda, mas como parte da base, sem um projeto político definido. Dessa relação surgiu o Movimento de Amigos de Bairro (MAB) de Nova Iguaçu. Em contraste (Ivo Lespaupin, 1992 apud Silva, 1993, p. 38-39) afirmou que os médicos sanitaristas, por possuírem um projeto político, enfrentaram resistências na diocese, até mesmo da parte progressista do clero. No entanto, a franqueza do grupo em deixar claro que não eram católicos, aliada às suas contribuições médicas e políticas, permitiu que mantivessem boas relações com Dom Adriano e com boa parte do clero progressista da região.

Além das intenções na área da saúde, o programa desenvolvido pela Caritas Diocesana em Nova Iguaçu também tinha uma intenção de ser "política pedagógica". Silva (1993, p. 40-41) descreveu esse processo como um questionamento que surgia da problematização de experiências compartilhadas pela comunidade em vários setores da vida material. Sobre o viés partidário e ideológico dos médicos que foram trabalhar em Nova Iguaçu, é relevante destacar que, de acordo com Silva (1993), por meio de um trabalho assistencial na área da saúde, os médicos Antônio Ivo, Anna Leonnor, Lúcia Souto e José Noronha também iniciaram um trabalho de conscientização política. No entanto, o entrevistado José Noronha descreveu algo diferente:

Em Nova Iguaçu, quando eu mudei, quer dizer, quando eu saí, eu me desvinculei do PC do B. Eu me formei em 70 e praticamente em 71, quer dizer eu já não mantinha mais, mesmo em 70, no último ano da faculdade (...) eu já não mais pertencia à base do partido, não frequentava (...) depois eu me desliguei muito (...), mas mantive vínculo de amizade, essa coisa toda, sou amigo deles (...), mas eu, naquela época, eu não tinha militância partidária não.

No caso específico de José Noronha, a filiação partidária não existia mais oficialmente, mas seria ingênuo não reconhecer um caráter ideológico que, subjetivamente, permeava sua atuação profissional e social. Para Silva (1993), havia uma clara intenção ideológica nos médicos. Foi justamente a ambiguidade da Igreja em relação às intenções políticas e ideológicas que gerou os primeiros conflitos entre a Caritas Diocesana e os agentes sanitaristas, que se viam confusos entre contribuir para a "promoção do homem", uma ideia defendida pela Igreja que poderia variar desde uma ação paternalista de distribuição de alimentos até uma conscientização política mais ampla.

De qualquer forma, buscando amenizar o sofrimento do povo, os médicos e outros militantes trabalhavam ativamente. A entrevistada Lúcia Souto informou que discutiu seu projeto de medicina social junto aos outros três médicos que chegaram a Nova Iguaçu quase simultaneamente. José Noronha relatou que estava envolvido em atividades profissionais no Instituto de Medicina Social, colaborando especificamente na criação de postos comunitários de saúde em parceria com a Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Ele também atuou como diretor de um posto de saúde em Austin, na cidade de Nova Iguaçu. A partir dessa posição, Noronha e sua equipe estabeleceram vários postos de saúde menores, que eram extensões do posto principal e forneciam serviços de saúde básicos para a comunidade.

O Noronha fazia um trabalho também profissional junto ao Instituto de Medicina Social criando uma atenção de postos comunitários de saúde via UERJ¹², também na Baixada, que foi diretor de um posto de saúde lá, de Austin. E a partir dessa direção desse posto, que era bem popular esse engajamento lá, (...) eles criaram vários postinhos satélites daquele posto que ele dirigia, que eram minipostos de saúde. Isso correndo simultâneo ao nosso trabalho, aí já com a Caritas nesse posto de Cabuçu que a gente atendia. E o Noronha, como tinha essa ligação, a gente comprou uma centrífuga, a gente fazia o exame de sífilis, separava o soro do plasma, tudo que muita gente até hoje não faz, a gente fazia lá. Formamos muitos agentes comunitários de saúde (...) corrimos o bairro inteiro para conhecer todo mundo, conversar, fazímos conversas com todo mundo, enfim, era um trabalho bem interessante. Tinha umas freiras lá que eram maravilhosas, que moravam lá (...) sempre nos recebiam muito bem, foram muito receptivas a esse trabalho e com isso a gente foi ampliando esse

¹² Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

trabalho que antes era só esse atendimento para fazer um trabalho de conscientização a partir da temática da saúde.

Lúcia afirmou que Noronha também estava envolvido com a Caritas em um posto de saúde em Cabuçu. Devido à sua conexão com a equipe, desempenharam um papel significativo na capacitação de muitos agentes comunitários de saúde. A equipe percorria todo o bairro para conhecer a população e promover a conscientização sobre a saúde. As freiras que residiam na área foram citadas como muito acolhedoras, permitindo à equipe expandir seu trabalho para além do atendimento básico. Nesse ponto, observa-se a transição de um trabalho estritamente social para um de conscientização política. Lúcia afirmou que, a partir da questão da saúde, surgiu um movimento junto com as Comunidades Eclesiais de Base. Segundo ela, havia reuniões semanais em vários bairros, onde conheciam lideranças sociais das regiões e trocavam ideias e projetos. Além disso, realizavam encontros mensais. Em suas palavras:

todo mês a gente fazia além desses encontros nos bairros (...). Esse encontro mensal era com todas essas comunidades, a partir da temática da saúde e à medida que a gente ia conversando, perguntando assim: Qual é o principal problema de saúde daqui? Aí uma moradora dizia: É a iluminação pública. Aí era uma coisa muito interessante porque ia ao encontro de toda ideia que a gente já trabalhava na saúde coletiva que é a determinação social do processo saúde-doença. Quer dizer, as pessoas muito sabidas, muito antenadas e muito conscientes já mostravam que a falta de iluminação pública, e ela explicava o porquê: "Porque sem luz tem violência (...) a pessoa pode morrer ou pode ficar doente, levar um ferimento e isso é um problema de saúde". Como também outros problemas apareciam, de moradia, de saneamento básico, todas as outras questões que estavam interligadas com essa temática da saúde.

Reuniões semanais e mensais eram realizadas, nas quais lideranças sociais eram apresentadas e ideias e projetos compartilhados. Esses encontros abordavam questões de saúde e permitiam a identificação dos principais problemas enfrentados pelas comunidades. Essa abordagem mais abrangente e engajada levou a uma conscientização política e à ampliação do trabalho social para enfrentar questões relacionadas à saúde e outras áreas.

Os entrevistados para este trabalho, entre outras pessoas que se dirigiram a Nova Iguaçu por motivos políticos, se juntaram aos antigos e novos moradores, que chegavam cada vez em maior número para compor a região, construindo memórias coletivas. Essa multiplicidade de pessoas resultou na

revitalização de antigos movimentos sociais da região e na criação de novos. Os entrevistados para este estudo representam uma amostra desses indivíduos que se dirigiram à região de Nova Iguaçu, motivados por razões econômicas, políticas ou religiosas. Houve então a formação de uma comunidade heterogênea e dinâmica.

Considerações Finais

Em um período de ditadura e repressão no Brasil, um grupo de médicos e religiosos se uniu em uma missão corajosa e solidária na Baixada Fluminense, buscando lutar por justiça e direitos humanos. Dom Adriano Hypólito, um bispo progressista que apoiava a luta popular, estabeleceu uma parceria entre médicos e a Igreja, essencial para o sucesso das iniciativas de saúde na região. Esses médicos e padres formaram grupos de conscientização, promovendo a mobilização popular na luta pelos direitos.

É relevante recuperar, por meio destas histórias e das entrevistas realizadas, a luta social da população de Nova Iguaçu durante esse difícil período da história brasileira, contribuindo para os estudos que evidenciam que, apesar da repressão, houve resistência e luta. A pesquisa também teve como objetivo contribuir para a discussão sobre os movimentos sociais, inspirando novas ações que visem garantir os direitos básicos e a dignidade da população.

Esta pesquisa se justifica pelo viés da medicina como história ao explorar a interseção entre saúde pública e mobilização social durante um período de intensa repressão política no Brasil. A análise das iniciativas de saúde promovidas por médicos e a Igreja Católica em Nova Iguaçu nas décadas de 1970 e 1980 revela como a prática médica foi fundamental não apenas para atender às necessidades básicas de saúde da população, mas também como um meio de conscientização política e social.

Estudar a história da medicina nesse contexto permite compreender como os profissionais de saúde desempenharam papéis importantes na organização e mobilização das comunidades. Esses médicos não só forneceram cuidados médicos essenciais, mas também capacitaram agentes comunitários de saúde e promoveram a educação em saúde, que foram instrumentos importantes para a conscientização e a resistência contra a

repressão da ditadura civil-militar. A atuação desses profissionais demonstra a capacidade da medicina de transcender seu papel tradicional e se tornar uma força de mudança social.

Além disso, a pesquisa documenta a colaboração entre médicos e líderes religiosos, destacando como essa parceria foi vital para o sucesso das iniciativas de saúde e para a promoção dos direitos humanos. A Igreja Católica ofereceu um espaço seguro para a prática médica e para a formação de grupos de conscientização, mostrando como instituições de diferentes naturezas podem se unir em favor de objetivos comuns de justiça social e melhoria das condições de vida.

Por meio da análise histórica das ações médicas em Nova Iguaçu, a pesquisa pode contribuir para uma compreensão mais ampla da medicina como um campo interligado a dinâmicas políticas e sociais. Ela destaca como a prática médica pode ser instrumentalizada para enfrentar desafios sociais e políticos, oferecendo uma narrativa rica sobre a resistência e a solidariedade em tempos de adversidade.

Este estudo pode oferecer instrumentos para a historiografia da medicina, ilustrando como as práticas de saúde podem ser integradas a movimentos sociais e políticos. Ele sublinha a importância de reconhecer a medicina não apenas como uma ciência e uma prática clínica, mas também como uma força ativa na promoção de mudanças sociais e na defesa dos direitos humanos. A pesquisa, portanto, pode enriquecer o campo da história da medicina ao mostrar suas múltiplas dimensões e impactos na sociedade. O resgate dessas lutas médicas visa potencialmente inspirar ações sociais futuras em favor dos direitos básicos e da dignidade humana.

Fontes

Entrevistas

Ana Alice Teixeira

Lúcia Souto

Nelson Nahon

José Nogueira

Referências

- ALVES, J. C. de S. **Dos Barões ao extermínio.** Uma história de violência na Baixada Fluminense, 2a edição Revista e ampliada. Rio de Janeiro. Editora Consequência, 2020.
- BENEVIDES, M. V. **Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo**, 1998. Texto disponível em www.iea.usp.br/artigos Acesso em 26 out. 2019.
- BOBBIO, N. **A Era dos Direitos.** Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.
- BOSI, E. **Memória e Sociedade.** Lembranças de velhos. 3^a ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- CARVALHO, J. M. de. **Cidadania no Brasil** - O longo caminho. 18^a ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.
- CARVALHO J. M. de. **Os bestializados.** O Rio de Janeiro e a República não foi. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- KRONEMBERGER, A. **Dom Adriano Hypólito no rastro da violência em Nova Iguaçu.** Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Estudos Pós-Graduados em História, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2018.
- KRONEMBERGER, A. **Vozes da Militância:** Nova Iguaçu nas décadas de 1970 e 1980. Tese (Doutorado em História) - Programa de Estudos Pós-Graduados em História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2023.
- CERTEAU, M. de. **A invenção do cotidiano:** artes de fazer. 2^a ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1998.
- MAINWARING, S. A Igreja Católica e o movimento popular: Nova Iguaçu – 1974 – 85. In: KRISCHKE, P.; MAIWARING, S. (Org). **A Igreja nas bases em tempo de transição (1974 – 1985).** Porto Alegre, L\xPM Editores – CEDEC (Centro de estudos de cultura contemporânea), 1986.
- MAINWARING, S. **A Igreja e a Política no Brasil (1916-1985).** São Paulo: Brasiliense, 1989.
- MENESES, A. L. de. **Dom Adriano Hypólito** – Apontamentos biográficos, 2010. Disponível em: <<http://domadrianohypolito.blogspot.com.br>> Acesso em 30 set. 2016.
- PORTELLI, A. Sonhos Ucrânicos. Memórias e possíveis mundos dos trabalhadores. **Revista Projeto História**, São Paulo, vol. 10, Dez, p. 41, 1993.
- PORTELLI, A. A Filosofia e os Fatos. Tradução de Ingeborg K. de Mendonça e Carlos Espejo Muriel. **Tempo**, Rio de Janeiro, vol. 1, n. 2, 1996, p. 59-72.
- PORTELLI, A. História oral como gênero. Tradução de Maria Therezinha Janina Ribeiro. **Revista Projeto História**, São Paulo, n. 22, jan./jun. 2001.

PORTELLI, A. Um trabalho de relação: Observações sobre a História oral. Tradução de Lila Cristina Xavier Luz. **Revista trilhas da História**, Três Lagoas, v. 7, n° 13, jul/dez.

SADER, E. **Quando Novos Personagens Entraram Em Cena**: experiências, falas e lutas dos trabalhadores da Grande São Paulo, 1970-1980. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

SILVA, P. T. da. **Origem e trajetória do Movimento Amigos de Bairros em Nova Iguaçu (MAB 1974/1992)** - Relação vanguarda-base-massa: práxis política e educativa. Dissertação (Mestrado em Educação) – Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 1993.

Sites Consultados

<<http://domadriano.mitrani.org.br/vida.htm>> Acesso em 10 ago. 2010.

INTRODUÇÃO. **Daniel Nonato**. Teólogo do Cotidiano. Disponível em: <<http://dnonato.blogspot.com.br/2012/11/introducao-parte-i-origem-da-diocese-de.html>>. Acesso em 13 dez.2016.

SIAN. **Sistema de Informações do Arquivo Nacional**. Disponível em: <http://sian.an.gov.br/sianex/Consulta/resultado_pesquisa_new.asp> Acesso em 11 jan. 2016.